

SOM CONTIGO: INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS EM ATIVIDADES REALIZADAS EM CONTEXTO MUSEOLÓGICO

Margarida Costa Sérvulo Rodrigues

margaridacsr@hotmail.com

Fundação Calouste Gulbenkian - Museu Calouste Gulbenkian - Serviço Educativo

Clarisse Nunes

clarisse@eselx.ipl.pt

Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Lisboa

<https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.103>

Introdução

Em 1948, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, destacando-se aqui o direito à fruição cultural e artística e o direito à igualdade de direitos. Também a Convenção Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência¹ (2009) estabelece como princípios gerais, no artigo 3º, a “participação e inclusão plena e efetiva na sociedade” e “o respeito pela diferença e aceitação das pessoas com deficiência como parte da diversidade e humanidade”. Reconhece ainda no artigo 30º “o direito de todas as pessoas com deficiência a participar, em condições de igualdade com os demais, na vida cultural” e a adoção de medidas adequadas para garantir o acesso ao material cultural em formatos acessíveis e o acesso a locais destinados a atividades ou serviços culturais, como museus, monumentos e locais de importância cultural nacional. No artigo 9º deste documento reconhece-se também a necessidade de serem asseguradas às pessoas com deficiência “[...] o acesso, em condições de igualdade com os demais, ao ambiente físico, ao transporte, à informação e comunicações”, incluindo

1 Diário da República I, n.º 146, de 30/07/2009 (Resolução da Assembleia da República n.º 56/2009)

a identificação e eliminação de obstáculos e barreiras à acessibilidade.

Perante o exposto é fundamental assegurar a todas as pessoas a possibilidade de acederem física e digitalmente aos diversos espaços da comunidade, incluindo os espaços culturais, os quais podem ser compreendidos também como espaços potencialmente educativos. O papel educativo destes espaços (por exemplo: museus, bibliotecas e galerias de arte) é presentemente reconhecido como importante. Para Carvalho e Mineiro (2001) estes serviços só fazem sentido se se abrirem à comunidade, e se dinamizarem atividades direcionadas para diferentes públicos. Na opinião de Barbosa (2006) os espaços culturais ativos devem ser “instituições, sem fins lucrativos que, estando ao serviço da sociedade, adquirem, conservam, comunicam, estudam, investigam e expõem testemunhos materiais do homem e do meio que o rodeia, para o desenvolvimento da educação e deleite dos públicos” (p.20), convertendo-se, assim, em recursos educacionais públicos, passíveis de servir a comunidade de várias formas e a diversos níveis intelectuais. São, pois, entidades dinâmicas, dialogantes com o meio, com a finalidade de difundir a cultura a um público que integralmente deles faz parte. Considerando esta perspetiva, as instituições culturais podem cumprir um papel relevante na aprendizagem dos sujeitos, que ao participarem nas diferentes atividades programadas, experimentam, jogam, inventam e assimilam informação, a partir da qual atualizam ou reformulam conhecimentos prévios, criando a possibilidade de formação de uma identidade cultural (Barbosa, 2006).

Focando a atenção no acesso aos museus enquanto espaços culturais estes desenvolvem de forma sistemática, programas de mediação cultural e atividades educativas que contribuem para o acesso ao património e às manifestações culturais. Os programas são articulados com as políticas públicas sectoriais respeitantes à família, juventude, apoio às pessoas com deficiência, turismo e combate à exclusão social².

Os Serviços Educativos (SE) surgem nos museus como o Departamento responsável por criar a relação entre a programação do museu (exposições), os conceitos que lhes estão inerentes e a singularidade dos diversos públicos que constitui a sociedade. Assim, as atividades educativas desenvolvidas nestes espaços públicos devem privilegiar três aspetos: (i) acessibilidade do museu a todos os públicos (nível físico e transmissão de informação) de forma a torná-lo um espaço educativo inclusivo; (ii) adequação no sentido da promoção da excelência e do conhecimento e (iii) apoio institucional (defesa de educação como missão central do museu)³. Nesta perspetiva os museus ganham uma visibilidade maior na medida em que possibilitam o acesso à cultura de uma forma não-formal. De facto, o espaço cultural museológico passou há muito tempo de espaços de preservação e contemplação de

² Lei-quadro dos Museus Portugueses, Lei nº47/2004, no artigo 42º.

³ American Association of museums, 2000.

objetos de valor estético, histórico ou simbólico para lugar de educação e formação do público. Consequentemente, o museu constitui-se também como um meio promotor da inclusão social de todos os indivíduos, muito embora ser capaz de incluir a diversidade de públicos nas atividades desenvolvidas nos serviços educativos destes espaços constitua um desafio.

Na opinião de Camacho (2007) o serviço educativo num museu corresponde a todas as ações dirigidas ao público, as quais têm objetivos educativos. Compete, assim, ao serviço educativo de um museu a função museológica da educação, que se articula com todas as outras funções dos museus e que passa pelo planeamento, realização e avaliação de atividades, bem como pela disponibilidade dos recursos humanos, financeiros e materiais necessários. Silva (2006) reforça ainda que o SE é “um espaço educativo diretamente relacionado com o museu e assente nas premissas da actual educação museal” (p.114). Este trabalho de educação artística nos museus é habitualmente desempenhado por mediadores artísticos, pessoas que “no espaço de uma exposição ou evento, oferece[m] meios de estabelecer conexões entre a obra e o espectador.” (Canton, s.d, p.2). Os mediadores são, portanto, os agentes de um serviço educativo que estabelecem contacto direto com o público e que recorrem a diferentes estratégias e metodologias de modo a potenciar a relação entre o público e o museu/exposição/obras de arte.

Abraçar uma abordagem atendendo às especificidades dos seus visitantes, implica que os museus estejam preparados para proporcionar, a qualquer visitante, uma experiência através de atividades diversificadas e com recurso a diferentes registos sensoriais e expressivos, que conduza a processos de criação de significados e ao estabelecimento de uma relação pessoal com a obra museológica, independentemente das características específicas de cada participante.

Observemos o caso da ação desenvolvida pela Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), instituição particular de utilidade pública, constituída como tal em 1956 com fins voltados para a beneficência, arte, educação e ciência. Muito embora o objetivo central do seu fundador fosse arquitetar um espaço onde pudesse reunir a sua vasta coleção de arte, disponibilizando-a simultaneamente às gerações futuras para seu enriquecimento cultural e artístico, atualmente, entre diversos departamentos e serviços para o público, a FCG conta com três Serviços Educativos (SE): (i) Música, (ii) Jardim e (iii) Museu Calouste Gulbenkian, coleção do fundador e coleção moderna. Como dimensão aglutinadora destes três SE, existe o programa DESCOBRIR em que, entre outras responsabilidades e projetos educativos, cursos e outras iniciativas, estão agora presentes a central de marcações e a equipa de divulgação e comunicação dessas mesmas atividades.

A Programação do SE Museu Calouste Gulbenkian, coleção do fun-

dador e coleção moderna inclui atividades e outras iniciativas para todos os públicos, isto é, existe a “animação de histórias” para bebês e crianças acompanhados pelos pais, atividades para famílias em que todos são considerados participantes, oficinas para crianças e jovens, programação para jovens e adultos como conversas com artistas e diversas visitas, visitas-jogo e oficinas para grupos orientados/escolas.

Inserido neste programa e com relação transversal com os três SE, surge a Área das Necessidades Educativas Especiais⁴. A partir dos diferentes acervos: música, jardim e museu, são programadas atividades para públicos com NEE. Essas atividades são agrupadas em títulos referentes a cada SE que, por sua vez, incluem diferentes atividades para estes públicos. Isto é, o SE da Música, com o título Som Contigo tem apenas uma atividade com o mesmo título; o SE do Jardim, cujo título é “O Mundo no Jardim” também só apresenta uma atividade adaptável consoante as características dos grupos (ver figura 1); e o SE do Museu que se divide em dois grandes grupos: “Sentir o Museu” relativo à coleção do Fundador (com três atividades distintas) (ver figura 1) e “À Flor da Pele” que parte do acervo da coleção Moderna, sendo que também apresenta quatro propostas de atividades.



Figura 1. - Imagens ilustrativas das atividades: “O mundo no Jardim” e “Sentir o museu”⁵

Embora a maioria das atividades seja da modalidade oficina (inclui trabalho prático, sendo que a atividade pode ter uma ou duas sessões), tanto na coleção moderna como na do fundador, existem também atividades de visita, sendo que ambas as tipologias de atividade requerem a participação ativa dos participantes.

Importa referir ainda que as atividades propostas pelos SE da FCG podem ser adaptadas a pessoas com diferentes características, quer considerando a sua faixa etária (limite mínimo seis anos de idade, não existindo limite máximo, sendo os grupos de idade escolar ou integrados em associações), quer atendendo às suas especificidades, como por exemplo terem alguma deficiência ou limitação: multideficiência (MD), Perturbação do Espectro do Autismo (PEA), Trissomia 21, Deficiência Intelectual e de Desenvolvimento (DID), Paralisia Cerebral ou Doença Mental.

A atividade Som Contigo é uma das que integra todas as pessoas

⁴ A expressão Necessidades Educativas Especiais, utilizada amiúde neste texto, foi substituída por outras, sobretudo por educação inclusiva, segundo a lei do Decreto-Lei n.º54/2018 de 6 de julho.

⁵ Imagens retiradas do sítio: https://gulbenkian.pt/descobrir/discover_position/necessidades-educativas-especiais/

que mostram interesse em nela participar, estando integrada no SE da Música, como se referiu anteriormente. A FCG procura assim constituir-se como um local potenciador de experiências significativas para todos os públicos que a visitam, incluindo os que apresentam características mais específicas, como é o caso dos que têm NEE.

No caso da atividade Som Contigo a linguagem escolhida pelos mediadores como mote de trabalho é a música/som com o recurso às tecnologias móveis (por exemplo tablet, iPad®). A música é importante na medida em que, enquanto forma de comunicação universal, pode “criar uma estrutura no tempo, que facilite a resposta motora (Rudd, 1990, p.69) e desenvolver “relações existenciais que levarão à melhoria de qualidade de vida” (Sousa, 2005, p. 127). De facto, a música e as artes visuais são das linguagens mais importantes na vida da criança, desempenhando um papel importante no seu desenvolvimento global. Neste sentido pode tornar-se num poderoso recurso educativo, ajudando a criança a expandir-se cada vez mais livremente. Costa et al (2013) referem que estudos mostram o potencial da música para: humanizar, criar vínculos sociais e comunicar. Gehlaar, Rodrigues e Girão (2008) consideram ainda que a música potencia a atenção e promove a colaboração e a interação entre alunos. Assinalam ainda que a sua utilização deve ser intuitiva.

Quanto à utilização das tecnologias por crianças com NEE, Moss, Hay, Deppeler, Astley e Pattison (citados por Bahia & Trindade, 2010b) defendem que uma das mais-valias reside no facto de estas ferramentas disporem de imagens visuais e auditivas integradas o que facilita a “descoberta da informação, da apropriação individual do conhecimento e, ainda da interiorização de conceitos” (p.100). Das diferentes tecnologias existentes, destacam-se duas que apresentam as características referidas anteriormente que são o computador portátil e o tablet, as quais são consideradas tecnologias móveis.

As tecnologias móveis em constante evolução representam, hoje em dia, uma diversidade de aparelhos que inclui: telemóveis, tablets, e-readers, aparelhos móveis de áudio e consolas de jogos que se levam na mão. A UNESCO (2013), com o intuito de simplificar a definição destas tecnologias, defende que estas são digitais, facilmente portáteis, geralmente constituem propriedade, são controlados por um indivíduo em vez de uma instituição, permitem aceder à Internet, dispõem de recursos multimídia e podem facilitar um grande número de tarefas, particularmente aquelas relacionadas à comunicação⁶.

De entre os recursos que integram as tecnologias móveis, salienta-se o iPad®, pois as suas características permitem uma acessibilidade mais universal, tendo em conta quatro domínios: visão, audição, competências físicas e motoras, e aprendizagem e literacia⁷. Algumas das aplicações disponíveis para iPad® têm como alvo crianças com

6 Documento da UNESCO (2013), intitulado de Policy guidelines for mobile learning, disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002196/219641e.pdf>

7 In site APPLE - www.apple.com/accessibility/

deficiência motora. Como afirmam Moffett e Amend (2011) as atividades do foro cinestésico e tátil são especialmente úteis em crianças com NEE. Para Mill e Call Team (2012), o iPad® e as aplicações de que se dispõe podem oferecer “[...] algo para todos.” (p. 2). Isto é, todas as pessoas podem beneficiar do uso deste tipo de equipamento. Pode-se, então, depreender que o iPad® constitui uma ferramenta universal, uma vez que pode ser acessível a pessoas com diversas capacidades e necessidades. Estudos evidenciam ainda que o uso do iPad® potencia a comunicação e a interação entre alunos, cuidadores, tutores e professores (Reis et al., 2012); permite o acesso rápido e fácil à informação; maior envolvimento dos alunos nas tarefas; melhoria das aprendizagens e colaboração entre os alunos (Henderson & Yeow, 2012 citados por Mill & Call Team, 2012).

Retomando a programação da FCG para os públicos com NEE verifica-se que esta é bastante diversificada. No que à atividade Som Contigo diz respeito esta é frequentada por grupos de alunos que no contexto educativo beneficiam do suporte dado em unidades de apoio especializado (para alunos com multideficiência (MD) e para alunos com Perturbação do Espectro do Autismo (PEA). Porém, não se conhecem estudos que analisem as finalidades e as características desta atividade promovida pela FCG, para alunos com NEE e que procurem compreender as opiniões dos envolvidos na atividade acerca da mesma.

Considera-se, assim, relevante estudar o desenvolvimento da atividade Som Contigo, na medida em que é uma das poucas opções artísticas conhecidas, promovidas pela comunidade para pessoas com NEE, fora do contexto escolar e das associações. Neste sentido, entendeu-se útil analisar o trabalho desenvolvido na FCG na atividade Som Contigo, a qual analisa as questões artísticas aliadas à música e à tecnologia, um elemento motivador e capacitador de qualquer tipo de público.

Em síntese, considerando o trabalho desenvolvido pela FCG no que diz respeito ao acesso às artes para pessoas com NEE, interessa analisar as características da atividade Som Contigo que envolve som, música, obras de arte do museu e tecnologias, de forma a compreender como esta atividade pode constituir-se como um meio facilitador de inclusão de alunos com NEE num museu.

Especificando, o presente estudo procurou responder às seguintes questões de investigação: (i) quais as finalidades e as características da atividade Som Contigo promovida pela FCG para alunos com NEE e (ii) quais as estratégias usadas pelos mediadores da atividade Som Contigo para promover o envolvimento, a participação e a interação social dos alunos com NEE na atividade.

Estudo Empirico

Objetivos

O estudo desenvolvido no Museu da Fundação Calouste Gulbenkian durante o ano letivo 2017/2018 pretendeu:

1. Identificar as finalidades e as características da atividade Som Contigo, promovida pela FCG, para alunos com NEE;
2. Caracterizar as estratégias utilizadas pelos mediadores para promover a participação e a interação social dos alunos com NEE na atividade Som Contigo.

Desenho de Estudo

Estudo de natureza qualitativa e interpretativa, na modalidade de estudo de caso único, recorreu a procedimentos intuitivos para compreender os significados dos comportamentos observados em determinadas ações, num determinado contexto social (Coutinho, 2015), mais especificamente na atividade Som Contigo desenvolvida no museu da FCG. O estudo apresenta um carácter exploratório, dado que se espera que o mesmo contribua para uma maior compreensão da temática em análise.

O estudo desenvolveu-se em três fases: (i) uma dedicada à preparação do estudo; (ii) outra à recolha dos dados; e (iii) a última destinada à análise dos dados recolhidos à luz da revisão da literatura e redação do estudo, como se ilustra na Figura 2.

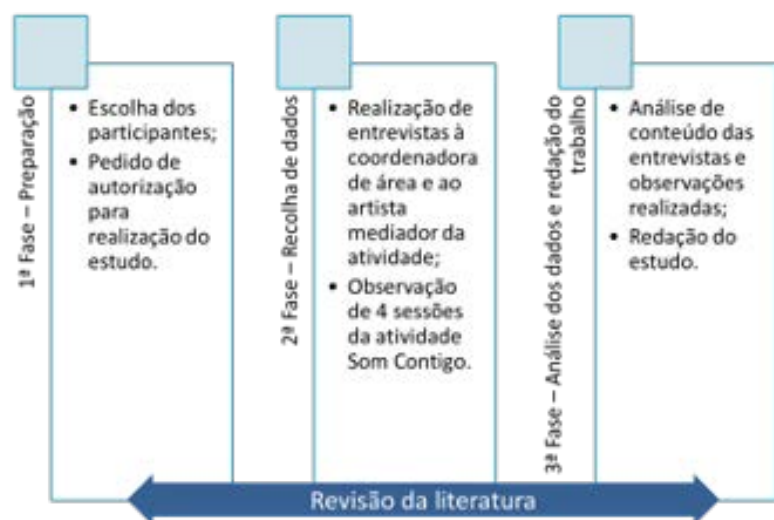


Figura 2. - Descrição das fases do estudo

Participantes

A investigação envolveu a participação de 23 pessoas: 11 adultos (dois mediadores, três auxiliares e seis professores/assistentes operacionais) e 12 alunos de ambos os sexos (seis com MD e seis com PEA) cujos professores mostraram interesse em que estes participassem na atividade Som Contigo da FCG.

O grupo com PEA era composto por alunos de diversas idades: entre os 12 e os 15 anos. Quatro destes alunos tinham o diagnóstico de PEA, sendo que dois manifestavam também dificuldades cognitivas. A diversidade de idades também se verificava no grupo de alunos com MD: embora a faixa etária se apresentasse diferente, situando-se entre os 9 e os 15 anos. As suas problemáticas eram diversas: paralisia cerebral grave, atraso global do desenvolvimento, epilepsia, dificuldades visuais e surdez neurosensorial, como se retrata na tabela 1.

Alunos com PEA			Alunos com MD		
N.º	Idade (*)	Diagnóstico	N.º	Idade (*)	Diagnóstico
A1	15 anos	PEA Dificuldades cognitivas	A7	14 anos	Hipotonia Atraso do desenvolvimento psicomotor
A2	15 anos	Dificuldades cognitivas	A8	12 anos	Paralisia Cerebral Disquinésica/Distónia
A3	14 anos	PEA Dificuldades cognitivas	A9	11 anos	Paralisia Cerebral Distónica, Surdez neurosensorial, Epilepsia
A4	14 anos	PEA	A10	9 anos	Perturbação neuromotora grave, de etiologia não esclarecida e em estudo
A5	12 anos	PEA	A11	9 anos	Atraso de Desenvolvimento Global grave
A6	12 anos	Dificuldades cognitivas	A12	9 anos	Paralisia cerebral tetraparésia espástica; Estrabismo convergente

Fonte: Elaboração do autor do estudo com base na pesquisa documental (*) em dezembro de 2017

Tabela 1. - Caracterização dos alunos do grupo com PEA e do grupo com MD

No que aos 11 adultos diz respeito, dois eram os mediadores responsáveis pela dinamização da atividade na FCG (a coordenadora de área – Margarida Vieira - que se responsabiliza pela abordagem didática e pela mediação artística em contexto de museu e o músico e artista – Simão Costa - que domina as questões teóricas e tecnológicas a explorar no trabalho com os alunos), três eram voluntários da FCG e seis eram professores/técnicos/auxiliares que acompanharam os 12 alunos (três por cada grupo).

O mediador da atividade Som Contigo era músico e professor de música. Enquanto freelancer desenvolveu o LabMóvel em 2012, que depois foi adaptado a públicos com NEE.

Os voluntários eram pessoas com NEE: um tinha uma doença mental, outro surdez parcial (estiveram presentes nas sessões do grupo com MD) e um terceiro tinha uma PEA profunda, o qual participou na primeira sessão com o grupo de alunos com PEA, encontrando-se no início do período de voluntariado.

Os professores dos dois grupos de alunos tinham mais de 50 anos de idade e mais de 10 anos de experiência no trabalho com alunos com PEA ou MD. Ambos os professores tinham especialização em educação especial.

Procedimentos

A investigação seguiu os procedimentos éticos exigidos para a realização de estudos empíricos, tendo sido obtido o consentimento informado dos participantes. Após se ter obtido o consentimento informado para se realizar o estudo procedeu-se à recolha de dados, recorrendo a métodos de observação indireta (pesquisa documental e entrevista semiestruturada) e a métodos de observação direta (observação naturalista e sistemática), o que permitiu proceder a processos de triangulação de dados. Estas técnicas contribuíram para se identificar as finalidades e as características da atividade Som Contigo e mapear as estratégias usadas pelos mediadores na sua dinamização.

A pesquisa documental envolveu a análise das brochuras com a programação da FCG e do guião da atividade Som Contigo e teve como objetivo identificar as finalidades e as características da atividade Som Contigo, promovida pela FCG, para alunos com NEE.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas aos dois mediadores da atividade (coordenadora e músico) e aos dois professores que acompanharam os alunos à atividade foram aplicados questionários de caracterização e de opinião, com questões abertas. As entrevistas foram gravadas em áudio. O seu conteúdo foi transcrito para posterior análise indutiva do seu conteúdo.

Em ambos os casos, a análise de conteúdo implicou classificar a informação recolhida, criando-se temas/blocos e categorias que auxiliaram na compreensão do que estava por trás dos discursos (Silva & Fossá, 2013). Ou seja, optou-se por tomar como balizador, as etapas propostas por Bardin (1977). Essas etapas foram organizadas em três fases: (i) pré-análise, (ii) exploração do material e (iii) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A observação direta envolveu, por sua vez, o registo vídeo das quatro sessões de atividade Som Contigo realizadas com os alunos com MD (duas) e com alunos com PEA (duas), dado que cada atividade agendada era composta por duas sessões. A recolha deste tipo de dados foi feita com recurso ao uso de uma câmara de filmar do *smartphone*. Importa referir que os professores dos grupos costumavam usar para registo interno este recurso, pelo que não constituiu novidade ou ruído para os alunos durante a atividade. Os registos vídeo facilitaram a recolha dos

comportamentos dos participantes durante cada sessão.

Porque nas atividades para públicos com NEE da FCG os tempos das atividades são flexíveis face às capacidades e disponibilidades dos participantes, as sessões observadas tiveram durações diferentes: no grupo de alunos com MD foram registados um total de 90 minutos e no grupo de alunos com PEA 150 minutos. De referir que nas sessões do grupo com alunos com MD foi necessária a colaboração da primeira autora do estudo junto de determinado aluno para que ele conseguisse participar mais na atividade.

A análise destes dados envolveu a elaboração do registo de protocolo da observação naturalista de um vídeo de cada grupo, e a posterior elaboração de listas de verificação de comportamentos relativos: à participação e à interação social dos alunos e às estratégias usadas pelos mediadores para dinamizar a atividade. Esses instrumentos foram depois usados na análise dos 240 minutos de vídeo registados, tendo sido necessário proceder a alguns ajustes durante este processo.

Apresentação e Discussão dos Resultados

O presente estudo realizado no Museu Calouste Gulbenkian da FCG pretendeu, por um lado identificar as finalidades e as características da atividade Som Contigo promovida para alunos com NEE e caracterizar as estratégias utilizadas pelos mediadores na sua dinamização. Os resultados que se apresentam focam-se nas finalidades desta atividade, nas suas características e nas estratégias usadas pelos mediadores para a sua dinamização.

Finalidades da atividade Som Contigo

A análise da pesquisa documental e dos resultados das entrevistas aos mediadores (coordenadora de área e artista/músico) e dos questionários aos professores permitiu compreender as finalidades da atividade Som Contigo, as quais se passa a descrever.

Como nos reportou a coordenadora da área na sua entrevista, a programação da FCG desenhada para os públicos com NEE “está pensada e estruturada por forma a criar as acessibilidades aos conteúdos museológicos e aos diferentes acervos da Fundação Calouste Gulbenkian”.

Especificando, na opinião dos mediadores (coordenadora e músico) a atividade Som Contigo é uma atividade de criação que possibilita a exploração e a fruição com todo o corpo, utilizando ferramentas tecnológicas como se fossem instrumentos musicais. Para os mediadores a

atividade é desenvolvida de modo a: (i) promover a comunicação (não-verbal e verbal), (ii) estimular a criatividade sonora, (iii) desenvolver o sentido de escuta, (iv) promover a descoberta e exploração sonora, (v) promover o desenvolvimento da noção de causa-efeito e da capacidade de concentração e (vi) criar oportunidades de interação social.

Por outro lado, os professores dos alunos com MD consideram que a atividade Som Contigo visa: (i) promover a estimulação sensorial dos alunos, (ii) diminuir os níveis de espasticidade corporal (relaxamento e descontração) e (iii) facilitar a interação social recorrendo ao espaço do museu. Os professores dos alunos com PEA reconhecem outras potencialidades da atividade Som Contigo, salientando que procura: (i) promover a inclusão, a participação e a interação social dos alunos e (ii) motivar os alunos a participar e a interagir socialmente recorrendo à ludicidade.

Perante estes resultados verifica-se que as finalidades da atividade Som Contigo variam de acordo com a opinião dos professores, sendo que apenas o professor dos alunos com PEA assinalou o potencial da atividade para promover oportunidades de inclusão de alunos com NEE nas atividades desenvolvidas pelo museu. O professor do grupo com alunos com MD salientou, sobretudo, as finalidades focadas no desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

Caraterísticas da atividade Som Contigo

Os dados recolhidos através da pesquisa documental e das entrevistas realizadas aos mediadores permitiram-nos perceber quais as caraterísticas da atividade Som Contigo em termos das modalidades e espaços em que se insere, quais os públicos a que se destina e como as práticas se adequam aos diferentes públicos, qual a sua organização considerando os recursos humanos e materiais envolvidos e ainda como se estrutura esta atividade. São essas caraterísticas que passamos a descrever.

Modalidades e espaços de ação

A atividade Som Contigo enquadra-se na oferta de atividades destinadas a públicos com NEE da FCG, nas modalidades de “Visitas-Oficina”, realizadas no espaço do Museu (Coleção do fundador e coleção moderna) em articulação com o SE da Música. Como nos relatou a coordenadora de área na sua entrevista “*as atividades desenvolvem-se em diferentes espaços e têm diferentes pontos de partida e cruzamentos*”.

Adequação das práticas aos públicos

De acordo com os resultados das entrevistas realizadas à coorde-

nadora de área e ao mediador / músico esta é uma atividade acessível a todos os públicos, incluindo os que apresentam características mais complexas e singulares. Para responder às especificidades do seu público a atividade implica um processo de marcação que exige a recolha de informação prévia sobre as características dos alunos com NEE que a pretendem realizar. Esta preocupação evidencia vontade em adequar os conteúdos da atividade ao público que se inscreve, no sentido de reduzir eventuais dificuldades dos participantes.

Os entrevistados salientam que não existe uma forma correta de explorar os equipamentos, porque a exploração é livre e centrada nos participantes. Ou seja, nesta atividade é desenvolvido um trabalho flexível, em que se observa um vínculo emocional entre os públicos e os profissionais. Assinalam os mediadores que esta atividade possibilita implementar um trabalho de carácter prático centrado no feedback e nas intenções de cada participante, desenvolvendo um trabalho ao nível dos afetos.

Organização da atividade: Recursos humanos envolvidos

A dinamização da atividade Som Contigo requer uma equipa multidisciplinar (artistas das diferentes áreas e profissionais da educação), a qual procura articular o acesso às obras de arte e o currículo dos alunos com NEE que a frequentam. A equipa procura desenvolver dinâmicas de cooperação entre os intervenientes, com a exploração sonora através de tecnologias, as quais se passa a apresentar. Quando os públicos manifestam necessidades mais complexas observa-se um reforço da equipa para permitir apoio individualizado.

Organização da atividade: Recursos materiais envolvidos

De acordo com os resultados das observações e das entrevistas realizadas aos mediadores esta é uma atividade que recorre a duas ferramentas: o LabMóvel e a Caixa Sonora. O LabMóvel é um laboratório de tecnologias digitais que reforça estratégias de aprendizagem, constituindo-se um facilitador do acesso a públicos com NEE. A Caixa Sonora é constituída por *subwoffers* comandados por tablets numa caixa de corpo inteiro, a qual possibilita o relaxamento e a estimulação dos sentidos, como se ilustra na figura que se segue.



Figura 3. - Ferramentas LabMóvel e Caixa Sonora; Fonte própria: fotografia tirada pelo primeiro autor do estudo no decorrer do estudo

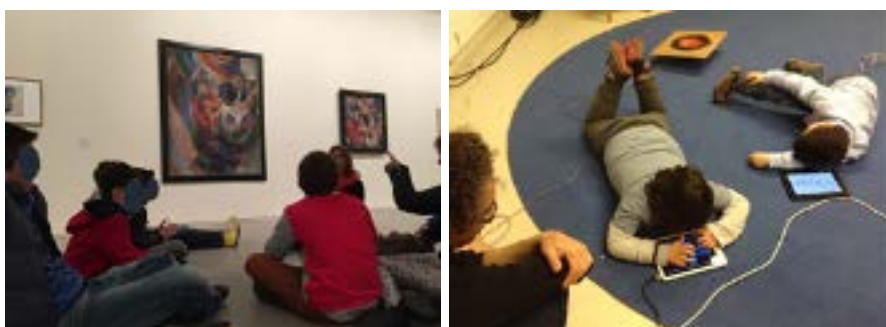
Da entrevista realizada ao artista é possível concluir que, embora a ferramenta tecnológica (Labmóvel) tenha sido construída para ser utilizada por qualquer pessoa, o facto de o mediador ser o seu criador facilita a adaptação desta ao público durante a atividade. Importa destacar ainda a relevância do papel desenvolvido pelo mediador/artista na atividade Som Contigo.

Estrutura da atividade

A atividade está estruturada em duas sessões: uma tem como ponto de partida a ida ao museu para explorar as características sonoras de uma pintura realizada no espaço da exposição das obras de arte e outra passada quase na totalidade na sala, com caráter mais prático e dedicada à exploração dos sons recorrendo a tecnologias. Estas sessões são realizadas no máximo com uma semana de intervalo.

A primeira sessão é feita diante das obras de arte no espaço de exposição o que implica, de acordo com o músico, uma análise “... feita com base na observação e interpretação por parte do observador, permitindo-lhe a descoberta das analogias entre a cor, a forma e o traço”. Ou seja, recorrendo ao questionamento os alunos são levados a relacionar a obra de arte e a composição musical/sons do que estão a observar. A figura que se segue procura ilustrar esta dinâmica.

Figura 4. - Trabalho diante da obra de arte no museu: relação entre o som e as formas da obra de arte; Fonte própria: fotografia tirada pelo primeiro autor do estudo no decorrer do estudo



A segunda sessão é constituída por uma componente mais prática. Explicitando, após a revisão do que se realizou na sessão anterior, os participantes são convidados a explorar diferentes aplicações informáticas de exploração sonora. Através destas ferramentas os participantes não só exploram o som sonoro, como também o som desenhado e o som sentido, dando resposta às questões iniciais, que surgiram na primeira sessão e que voltam a ser trabalhadas na segunda sessão da atividade, que são: O som tem cor? O som tem forma? O som sente-se? O som tem movimento? etc. A figura que se segue ilustra dinâmicas de trabalho observadas nas segundas sessões observadas.



Figura 5. - Exploração das aplicações tecnológicas face ao som, forma e cor em relação com a obra de arte; Fonte própria: fotografia tirada pelo primeiro autor do estudo no decorrer do estudo

A análise documental do guião da atividade revela ainda que no final da exploração, se possível, é criada uma composição musical, que os participantes levam gravada para as suas escolas/organizações educativas. Também é feita uma proposta aos docentes/responsáveis dos grupos, para estes darem continuidade ao trabalho realizado na FCG, convidando o grupo a *“realizar um trabalho individual e/ou coletivo que consiste na elaboração de uma obra plástica que ilustre a composição musical, por eles criada”*.

No fim de ambas as sessões realiza-se uma avaliação do momento desenvolvido, que envolve o questionamento de cada participante relativamente a como se sente e como se sentiu durante a realização da atividade e o que leva dessa manhã ou tarde de trabalho. Esta conversa de pergunta-resposta permite aos mediadores da atividade aferir *“aprendizagens, gostos e dificuldades sentidas durante as sessões da atividade”*.

Em síntese, esta atividade tem uma estrutura específica que implica: a exploração livre e autónoma das possibilidades das ferramentas sonoras e a interatividade, a qual possibilita a participação de públicos diversos e a produção de bandas sonoras para as obras de arte e exploração sonora de sons tecnológicos ou falados. Esta é uma atividade que permite estabelecer relação entre as artes visuais e a música, o que facilita o estabelecimento de vínculo entre público e moderador, como se evidencia no vídeo descritivo da atividade.⁸

Estratégias usadas pelos mediadores durante a atividade Som Contigo

Os resultados das entrevistas e das observações realizadas revelam que os mediadores recorrem a distintas estratégias para implementar a atividade Som Contigo, sendo umas focadas no acolhimento dos participantes e outras na dinâmica da atividade. São essas estratégias que passamos a apresentar.

⁸ em <https://www.youtube.com/watch?v=c5ulf0hzWls> é apresentada a atividade, mostrando momentos práticos com o público-alvo.

Acolhimento dos participantes

O primeiro conjunto de estratégias mencionadas pelo mediador (músico) relaciona-se com o acolhimento dos públicos, entenda-se os alunos com NEE, o que envolve a criação de um ambiente confortável, seguro, baseado na igualdade na relação e na aceitação. O mediador considera fundamental a obra de arte ser analisada consoante os diferentes *backgrounds* de quem visita o museu e a observa, no sentido de atender às suas características e responder às suas necessidades. Estas estratégias procuram também tornar interessante os assuntos que trabalha na atividade e potenciar uma construção de ideias de grupo sobre a obra, o que enriquece a partilha e potencia um sentimento de grupo, de segurança e conforto.

O mediador refere ainda preocupar-se em ser competente na relação com o público, salientando a importância de trabalhar tendo por base os afetos e o bem-estar do público durante a exploração da obra de arte, do som e das ferramentas.

Dinâmica da atividade

As estratégias relativas à dinâmica da atividade foram organizadas em três categorias: (i) estratégias dirigidas ao aluno individualmente (correspondeu a 82,3% no caso do grupo de alunos com MD e a 56,5% no caso dos alunos com PEA); (ii) estratégias dirigidas ao grupo (equivaleu a 28,1% no caso do grupo de alunos com PEA) e (iii) estratégias dirigidas aos adultos (correspondeu a 17,7% no caso dos alunos com MD e a 15,4% no caso dos alunos com PEA).

Importa destacar o facto de se registar maior quantidade de comportamentos dirigidos ao grupo de alunos com PEA do que ao grupo de alunos com MD. Especificando, dos 5.532 comportamentos registados, apenas 25,22% foram observados junto do grupo de alunos com MD, os restantes 74,78% foram dirigidos ao grupo de alunos com PEA. Em termos gerais verificou-se a utilização de uma maior diversidade de estratégias com os alunos com PEA do que com MD, considerando as categorias definidas. Observemos com mais detalhe os resultados obtidos em cada uma das categorias acima descritas.

Estratégias dirigidas individualmente ao aluno

Analisando as estratégias dirigidas ao aluno individualmente, as mais utilizadas pelos mediadores com o grupo de alunos com MD foram: a orientação da atividade recorrendo maioritariamente a instruções e ordens verbais; o dirigir o olhar para o aluno e adequar a sua postura face a ele; a formulação de comentários aos comportamentos do aluno e sugestões; o ajudar o aluno a explorar o equipamento e o recurso a expressões faciais e ao silêncio.

Com o grupo de alunos com PEA as estratégias mais observadas

foram: o uso da fala para comentar os comportamentos do aluno, fazer sugestões e responder ao aluno; o dirigir o olhar para o aluno; o questionamento do aluno e o chamar da sua atenção e a adequação da sua postura corporal face ao aluno.

Em síntese, a análise dos resultados obtidos permite-nos perceber que os mediadores recorreram a diversas estratégias para dinamizar a atividade, a maioria delas relacionadas com o processo de comunicação com os alunos e a ajuda ao aluno para este manipular os recursos disponíveis. Percebeu-se que as características dos alunos participantes parecem condicionar, de alguma forma, as estratégias usadas pelos adultos que dinamizam a atividade Som Contigo. As abordagens e as estratégias são necessariamente adaptadas aos grupos, como refere o mediador *“para grupos com maior dificuldade de percepção o tempo no museu pode ser mais reduzido sendo o trabalho em oficina mais aprofundado, ou vice-versa”*.

Estratégias dirigidas ao grupo de alunos

As estratégias dirigidas ao grupo de alunos apenas foram observadas nas sessões com alunos com PEA. No caso dos alunos com MD não se realizaram dinâmicas de grande grupo, mas sim dinâmicas individuais ou a pares. A análise dos resultados evidencia o recurso a estratégias de natureza comunicativa, envolvendo, sobretudo, a fala com diversas funções, bem como expressões faciais, gestos e o olhar.

Importa salientar que o recurso ao questionamento foi uma estratégia frequentemente observada. Na figura que se segue ilustram-se dinâmicas de trabalho observadas durante a segunda sessão da atividade Som Contigo: trabalho de grupo e exploração da vibração do som.



Figura 6. - Trabalho em grande grupo e exploração da vibração do som; Fonte própria: fotografia tirada pelo primeiro autor do estudo no decorrer do estudo

Estratégias dirigidas aos adultos

As estratégias usadas com os adultos relacionaram-se basicamente com a comunicação oral, salientando-se o uso da fala para comunicar e a formulação de comentários e sugestões entre os profissionais. Sa-

lenta-se o facto de este tipo de estratégias ter sido observado com ambos os grupos de alunos, observando tipologias idênticas, mas com frequências distintas.

Entende-se ser este tipo de estratégias importante, uma vez que os mediadores e os professores trabalham em parceria durante a atividade Som Contigo. Os professores conhecem melhor os alunos, pelo que constituem um elemento que lhes transmite segurança e confiança, facilitando a participação dos alunos.

Considerações Finais

O presente estudo pretendeu conhecer a especificidade da atividade Som Contigo promovida pela FCG para alunos com NEE, a qual alia a arte à tecnologia. Especificando, implica a fruição do som com o corpo e a utilização das ferramentas LabMóvel e a Caixa Sonora como se fossem instrumentos musicais. Estes recursos muito específicos procuram tornar possível o acesso a diversas formas de arte a todos os públicos, incluindo os que apresentam necessidades mais complexas. A ferramenta LabMóvel foi desenhada pelo mediador músico de modo a permitir uma utilização intuitiva, de fácil perceção e compreensão. Portanto, este recurso é considerado uma “ferramenta” acessível a públicos com diversas capacidades, constituindo-se como um recurso universal. Quanto à caixa sonora esta é uma extensão do LAbMóvel, sendo um recurso mais recente constituído por dois *subwoofers* integrados numa grande caixa de madeira horizontal, os quais são comandados por tablets que facilitam a inclusão de públicos com problemáticas mais complexas.

Conclui-se que as tecnologias descritas surgem na atividade como um meio “para potenciar uma aprendizagem inovadora mediante os novos ambientes, de igual modo que capacitam o aluno para utilizá-las de maneira crítica” (Rodriguez, 2006, p.63). Estas tecnologias constituem-se, assim, como recursos que incentivam os alunos à participação nas tarefas. Como nos dizem Bahia e Trindade (2009a) a eficácia do uso de tecnologias educativas depende: (i) da seleção que o responsável faz das técnicas e processos utilizados; (ii) do envolvimento e empenho do responsável na tarefa; (iii) da integração do recurso e da atividade a desenvolver de acordo com os interesses e necessidades do grupo; e (iv) do apoio que o educador recebe na utilização das tecnologias. Tal assemelha-se bastante aos princípios e preocupações que os mediadores afirmaram ter tido ao desenhar e dinamizar a atividade Som Contigo.

Importa ainda realçar que a atividade Som Contigo tem um conjunto de objetivos previamente estabelecidos, os quais se relacionam com duas dimensões: uma centrada na exploração do som, do ritmo, da cor, do espaço e da composição musical, relacionando música e artes visuais, e outra focada no desenvolvimento do sentido de escuta e na promoção da autoestima e o crescimento interior de quem participa. Conclui-se ser esta uma atividade com inúmeras potencialidades para públicos diversos.

Esta atividade atende às características e complexidade do grupo presente na atividade, pelo que não se desenrola sempre da mesma forma. Enquanto os grupos com necessidades mais ligeiras vão ao museu, num momento inicial, desenvolvendo depois jogos sonoros e de exploração em grande grupo, os grupos com maior comprometimento não iniciam a atividade no museu, sendo a exploração das ferramentas e jogos sonoros feita de forma mais individual ou em pequenos grupos/a pares numa sala.

Face aos resultados obtidos conclui-se que os profissionais que dinamizam a atividade procuram aceitar as características dos participantes, respeitar as especificidades de cada um e promover o sucesso criando adaptações para cada participante. Verifica-se também ser esta uma atividade planeada tendo em atenção as especificidades do público com necessidades de apoio mais complexas, o que pressupõe pensar em formas de envolver esse público de forma ativa.

Nesta atividade os mediadores recorrerem a inúmeras estratégias com o intuito de promover a participação e a interação social dos alunos. Salienta-se o facto de a especificidade do grupo de alunos condicionar a escolha das estratégias que são usadas. No caso de os alunos terem mais dificuldades as estratégias são dirigidas mais ao aluno individualmente ou a pequenos grupos. É evidente ainda uma preocupação em criar um ambiente acolhedor e securizante, facilitador da participação dos alunos.

Conclui-se que a dinamização desta atividade para alunos com MD e com PEA num museu parece concorrer para a sua inclusão social e envolve recursos que procuram promover a participação e a interação, contribuindo assim para o seu desenvolvimento e bem-estar. Entende-se que esta atividade procura, de alguma forma, cumprir os princípios preconizados na Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência (2009) e na Lei-quadro dos Museus Portugueses, Lei nº47/2004.

Referências

American Association of Museums (2000). *Code of Ethics for Museums*. Acedido em 23 de junho de 2017 em <https://www.aam-us.org/programs/ethics-standards-and-professional-practices/code-of-ethics-for-museums/>

Bahia, S. & Trindade, J.P. (2010a). Espelho teu: A reflexão do ser na obra museológica. In *Actas do Fórum Ibérico de Museologia da Educação* (CD Rom). Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Bahia, S. & Trindade, J. P. (2010b). O potencial das tecnologias educativas na promoção da inclusão: três exemplos. *Revista. Educação, Formação & Tecnologias*, 3(1), 96-110.

Bardin L. (1977). *L'Analyse de contenu*. Presses Universitaires de France.

Canton, K. (s.d.). *Museu Itinerante – guia para mediação*. Elo3 Integração Empresarial.

Costa, C.; Rodrigues, P. & Rodrigues, H. (2013). *Pensar a música – Guimaramus 2012. Ecos de Opus Tutti – transformar para formar, formar para transformar*. Sociedade Musical de Guimarães; Fundação Cidade de Guimarães.

Coutinho, C. (2015). *Metodologia de investigação em Ciências Sociais e Humanas. Teoria e Prática: Estudo de caso*. Almedina.

DESCOBRIR (2016). *Programa das atividades educativas para Escolas e outras Instituições Educativas – ano letivo 2016/2017*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Gehlhaar, R., Rodrigues, P. & Girao, L. (2008). CaDaReMi – an educational interactive music game. Proc. *7th ICDVRAT with ArtAbilitation* (pp. 355-360), Maia, Portugal.

Mill, C. & Call Team. (2012). *iPads for Communication, Access, Literacy and Learning (iCALL)*. CALL Scotland Publication.

Moffett, C. & Amend, K. (2011). Assistive Technology For Fine Motor Development. *EDUC 6330 Teaching Methodology for the Professional*. Re-

tirado de <http://stuweb.hbu.edu/summer2009/educ530629/moffettcc/portfolio/FineMotorAsstTech.pdf>

Ministério da Educação. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais. Educação Artística. Departamento da Educação Básica*. Disponível em URL: <http://www.dgidc.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=2>

Reis, S., Ferreira, S. & Ramos, A. (2012). Análise das potencialidades do iPad® visualizadas nos vídeos do Youtube™, no âmbito das Necessidades Educativas Especiais. *Internet Latent Corpus Journal*, 2, 5-18. Retirado de <https://proa.ua.pt/index.php/ilcj/article/view/14863>

Ruud, E. (1990). *Caminhos da Musicoterapia*. Summus.

Silva, A. & Fossá, M. (2013). *Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos*. EnEPQ.

Sousa, A. B. (2005). *Psicoterapias Activas: (Arte-Terapias)*. Livros Horizonte.

Unesco (2006). *Roteiro para a Educação Artística*. Comissão Nacional da UNESCO.